

Transcrição da teleconferência de resultados – 1T22

(10 de agosto de 2021)

Felipe Vicchiato (CFO da São Martinho) - Boa tarde a todos. Obrigado pela participação do *call* da São Martinho referente ao primeiro trimestre da safra 21/22.

Vamos iniciar nosso *Call* diretamente na página quatro, onde a gente tem os destaques operacionais do trimestre, quanto foi de cana processada, e produção de açúcar e etanol. Bem, no trimestre da safra 21/22 o grupo moeu 8,7 milhões de tonelada de cana, 12,9% a menos do que no mesmo período anterior, devido principalmente a uma piora na produtividade dos nossos canaviais, resultado da forte estiagem que ocorre desde o ano passado, que impactou diretamente no crescimento do canavial. O ATR médio foi um pouco melhor dado a seca, 2,9% acima do trimestre passado, compensando parcialmente a perda da produtividade. Com isso a gente tem uma redução na produção de açúcar, de 8,6% na comparação tri contra tri e de 11,9% na redução de etanol, chegando a 358 milhões de litros no primeiro trimestre. Vale lembrar que no começo da safra a gente optou por fazer um pouco mais açúcar para atender alguns contratos, mas no decorrer dos próximos trimestres a gente está migrando a nossa produção para etanol, conforme fato relevante que a gente divulgou no final de junho.

Adicionalmente a isso, se a gente quebrar aqui o que é etanol anidro e hidratado, grande parte desse etanol produzido é etanol anidro. A gente está produzindo no máximo nosso etanol anidro para atender o mercado, a exemplo do setor inteiro que a gente acompanhou, hoje saiu um relatório atual da UNICA sobre a moagem e produção de etanol e açúcar, a gente percebe que na comparação da 20/21 e 21/22, o centro-sul produziu 24,6% a mais de etanol anidro para atender o mercado e por conta também de preços melhores desse produto. Então, na sequência de produção do primeiro trimestre foi basicamente anidro, açúcar e, por último, etanol hidratado.

No próximo slide, a gente tem aqui os destaques financeiros do trimestre. A gente cresceu 28,8% a nossa receita líquida chegando a R\$ 1,3 bi no 1T22, apesar de uma queda do volume vendido em ATR equivalente de 14,4%, sendo que caiu 14,7% o volume de açúcar vendido e 14,1% o volume de etanol vendido. A razão pela qual a gente vendeu menos

açúcar e etanol, primeiro, por conta da menor produção e segundo porque a gente entende que os preços tanto de açúcar como do etanol vão estar melhores nos próximos trimestres. A margem da companhia em EBITDA foi 52%, com um crescimento nominal do EBITDA de 40%, saindo de R\$ 491 milhões para R\$ 688 milhões, e a margem EBIT foi de 27,8% onde o EBIT cresceu quase 100% na comparação tri contra tri, chegando a R\$ 367 milhões. Nosso lucro caixa chegou em R\$ 238 milhões, 61% acima do exercício passado, apesar de a gente ter despesado nesse trimestre um volume grande de variação cambial que estava represado no *hedge accounting* e, dado que nós antecipamos algumas dívidas em dólar e teve vencimento de dívida, pela regra do *hedge accounting*, a gente tira do patrimônio líquido e coloca essa despesa no resultado. Se não fosse essa despesa, sem efeito caixa e não recorrente, uma vez que ela fica represada por anos até liquidação, até a exportação do açúcar, o lucro caixa da companhia teria sido ainda melhor.

A melhora do resultado foi basicamente por conta de melhora de preços como a gente observa aqui nesse slide. O açúcar subiu 28% saindo R\$ 1.291 por tonelada para R\$ 1.656 por tonelada. Grande parte deste açúcar já estava fixado, então acabou transitando via resultado em cima do *hedge* que tinha feito lá atrás, que foi um preço inferior do que o preço de mercado. Por isso que a margem do açúcar, a gente vai ver lá na frente, é um pouco pior do que o etanol, mas o etanol, o preço médio subiu 84,7% chegando aí a R\$ 2.916,0 por metro cúbico, e com isso ajudou e foi o principal catalisador para melhora do EBIT, do EBITDA e dos números da companhia. Na cogeração, o preço médio subiu 24,9%, a gente tinha uma parte desse trimestre que era *spot*, então a gente acabou aproveitando aí de preços melhores de mercado *spot* por conta da escassez de água e naturalmente o preço da energia subiu. O volume foi pior por conta da menor moagem no período conforme eu já detalhei no slide anterior.

Indo para o slide seguinte, a gente tem aqui uma visão do custo caixa da companhia incluindo o capex de manutenção, que é tratos culturais, manutenção, entressafra e plantio e uma visão olhando só o CPV caixa que transita via resultado. Então vamos começar da esquerda para direita. Na esquerda, no CPV caixa, a gente saiu do primeiro trimestre com custo de R\$ 431 milhões, custo chegando no 1T22 para R\$ 504 milhões, um aumento 16,8% no custo, apesar do volume vendido no período ter sido 14,4% menor e aí os principais ofensores para o aumento nesse custo foi o preço do Consecana, que subiu no período algo próximo a 56%-57%, no release tem o detalhe lá exatamente do preço CONSECANA que subiu. Quando se exclui o preço do CONSECANA e olha unitariamente o custo unitário por

volume vendido, a gente tem um aumento de 5.9% na comparação tri contra tri. Esse aumento de 5,9% é devido ao maior custo de diesel no período, o custo de diesel transitou via despesa no ano passado, a gente pegou um preço de petróleo bastante baixo e tem uma parte aqui também de preços de defensivos e fertilizantes que aumentaram bastante aí nesse período. Quando a gente inclui o custo caixa total que é plantio, traços culturais e manutenção de entressafra, a gente tem aqui a margem do açúcar piorando, em 2,6 p.p., uma vez que o preço subiu, o preço de açúcar vendido subiu menos que o custo. Lembrando que dentro desse custo de caixa de açúcar, a gente tem o Consecana, que também é impactado pelo preço de etanol aqui na composição do açúcar e no caso de etanol, a gente tem uma melhora de margem considerável, 17,4 p.p., uma vez que o custo subiu 45% e o preço médio do etanol subiu 84,7%. A gente espera que essa tendência de margem de etanol bastante saudável para os próximos trimestres continue e uma margem um pouco mais apertada para o açúcar, principalmente no segundo e no terceiro trimestre ainda tem um volume grande de *hedge* que foi feito lá atrás e vai ser transitado via resultado, porém já no quarto trimestre é onde eu tenho o maior volume de açúcar ainda em aberto para estar fixando, que até lá, na tela de março, a gente espera que a margem se comporte mais ou menos igual como a margem do etanol, apenas no último trimestre.

No próximo slide, a gente tem um resumo do endividamento. A companhia teve uma queda de 10% na dívida líquida na comparação março 2021 com junho 2021, período no qual geralmente essa dívida líquida aumenta por conta do capital de giro empregado no período. A razão pela qual a dívida líquida caiu, a gente tem aqui abaixo os principais itens, a gente tem um fluxo de caixa operacional de R\$ 416 milhões, que é nosso EBITDA menos o capex, uma variação cambial positiva reduzindo a dívida em R\$ 214 milhões, investimentos em capex de expansão e melhoria incluindo aqui o capex da planta de milho de R\$ 211,0 milhões e capital de giro de R\$ 146,0 milhões. Com isso a gente tem uma queda da dívida de 10,0%. Nesse trimestre, no momento em que o dólar estava na casa de R\$ 5,20, R\$ 5,10, a gente optou por pré-pagar algumas dívidas em dólar e transferir, fazer o *swap* de algumas dívidas de dólar para Real e atualmente a nossa posição de dívida entre Real e dólar, tem 69% da dívida em Reais e 31% da dívida em dólar, abrindo espaço para a gente seguir a área comercial no momento em que ela decidir fazer as fixações de açúcar. O nosso programa da dívida está bastante folgado. A gente tem aí R\$ 1,3 bi de caixa no fechamento de junho. Nesse fechamento de junho já estava no caixa a debênture que a gente emitiu, de R\$ 500 milhões, mas ainda não estava o empréstimo do IFC que entrou na sequência do mês de

julho e mesmo assim, com caixa paga praticamente 3 anos de dívida e todos os investimentos que vão ser realizados na UTE e na planta de etanol de milho, a gente vai estar *pari passu* investindo e tomando dinheiro junto ao BNDES, no empréstimo que já foi aprovado.

Na sequência, a gente tem aqui o cenário de açúcar e etanol. Vamos comentar um pouquinho antes das perguntas e respostas. A gente está com um cenário bastante construtivo para o açúcar, resultado da safra do centro-sul do Brasil, principalmente. Hoje, o número mais atual da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), a gente percebe que provavelmente vai ter uma queda importante na produção de açúcar aqui no centro-sul. A nossa estimativa é que a moagem fique na casa de 520-525 milhões de toneladas, no máximo. Os nossos canaviais estão sentindo, como vocês viram, estamos aí com 75 toneladas por hectare de produtividade, é uma produtividade pro grupo São Martinho, eu diria que quase inadmissível. Fora isso, a gente teve agora em julho e agosto, São Martinho e o setor, o impacto da geada que não estão nos números ainda publicados pela UNICA nesse último relatório. A gente vai ver o impacto da geada no setor no próximo relatório que a UNICA deve soltar. Esse número de hoje não tem ainda nenhum impacto da geada.

Então o cenário é bastante construtivo, tem a Índia com o potencial de migrar a parte de produção de açúcar para etanol num futuro próximo e com isso a gente tomou a decisão de diminuir a velocidade de *hedge* de açúcar. A nossa posição de *hedge* da safra atual e da próxima safra é praticamente o mesmo volume que a gente tinha no fechamento de março e a gente entende que pode ir para um ciclo nos próximos 18 meses bastante positivo. No caso do etanol, o etanol melhorou bastante de preço nos últimos meses, junto aí com o preço de gasolina num patamar melhor dado o preço de petróleo. A Petrobras está acompanhando aí o preço da gasolina mais ou menos junto ao mercado internacional, o que é bastante positivo para o setor, o que induz a investimento, uma vez que você tem rentabilidade e consegue aí investir nos projetos que fazem sentido. No último relatório da UNICA que saiu hoje a gente percebe um maior consumo de anidro. O setor está preparado para estar suprindo essa necessidade de anidro para o mercado e a gente entende que esse preço saudável na casa de R\$ 3.000-3.300 por metro cúbico, na média de anidro e hidratado, deve permanecer até o final dessa safra, assumindo obviamente que o preço de petróleo fique na casa de US\$ 65 por barril.

Bem, esses eram meus comentários iniciais e vamos abrir para perguntas e respostas. Obrigado.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Operador - A nossa primeira pergunta vem de Isabella Simonato, Bank of America.

Isabella Simonato – Obrigada. Boa tarde, Felipe, boa tarde a todos. Eu tenho duas perguntas, a primeira delas em relação a custo para esta safra e para a safra que vem. Como você falou, a gente vê um aumento relevante dos insumos e também de frete e logística. Se você puder lembrar para gente a relevância dessas duas linhas na parte de tratamentos culturais e também de custo e que tipo de aumento vocês estão antecipando para a safra 22/23, ou seja, quanto que isso pode eventualmente impactar eventualmente capex ou custo. E a segunda dúvida é em relação ao *hedge*. A gente, se você puder dar um pouco mais de detalhes do quanto você vendeu essa safra nesse trimestre em relação ao açúcar veio de cana própria para gente tentar reconciliar essa sua exposição de açúcar de cana própria hedgeada para o restante da safra acho que seria bastante importante. Obrigada.

Felipe Vicchiato – Oi, Isabela, boa tarde. Obrigado pelas perguntas. Vou começar pela última. O nosso *hedge* atualmente é 100% *hedge* de cana própria, tá. Então, na safra 21/22 eu tenho 712 mil toneladas, vendido ao nível de R\$ 1.655 por tonelada aproximadamente. Isso é 85% da cana própria fixada, tá? Agora, o que é CONSECANA vai ser feito... a gente não faz o *hedge*, vai vendendo junto com o pagamento do fornecedor, tá? No caso da 22/23, a gente tem 346 mil toneladas, de novo, tudo de cana própria, ao nível de R\$ 1.800 por tonelada. E o CONSECANA também, a gente não tem nada vendido. No momento em que o CONSECANA andar na época a gente vai... Na formação do CONSECANA a gente vai aos poucos fazendo essas vendas de açúcar no mercado para não ter nenhum descasamento, tá? Então a gente nunca vai na frente do Consecana.

Isabella Simonato – Isso sim, não sei se eu fui clara na pergunta. Minha dúvida era o seguinte: quando a gente olhava o release do 4T você estava com 900 e tantas mil toneladas hedgeadas, que era 97 ainda só cana própria, e esse percentual como cana própria hoje ele é menor, que eu entendo que uma parte disso foi faturada. Desse hedge, do que você entregou em alguma tela, enfim, a gente não tem essa quebra. Então, se eu puder perguntar de um outro jeito: como que a gente olha o seu *hedge* para os próximos trimestres, quanto você está exposto à tela de março versus as telas dos próximos dois tris?

Felipe Vicchiato – Entendi sua pergunta. Na verdade é assim, ela reduziu percentualmente porque basicamente o grosso do 1T de faturamento foi quase tudo cana própria. Porque na regra do CONSECAN no 1T acho que é 18% ou 20% só. Eu não tenho aqui o *hedge* por tela para te passar. Depois eu peço para o time aqui te ligar e passar, tá, daí eu te mostro por tela mas a grosso modo, assim, eu estou muito pouco fixado na tela de março, de 85%, quando você olha a safra total, eu diria que é quase 100% nas telas de outubro e muito pouco na tela de março, mas depois eu te passo em detalhes, tá?

Isabela Simonato – Está claro.

Felipe Vicchiato – Bem, a primeira pergunta em relação aos custos. Para a próxima safra, a safra 22/23, eu acho que todo o aumento de custo que teve, do ano passado para esse, eu não acho que vai ter um novo aumento de custo para o próximo ano. Não sei se fui claro aqui. Então, dar um número, vai... NPK subiu na ordem de 50,0% e a gente aqui tem um esforço de sempre aumentar a produtividade, de fazer diversos projetos, por exemplo para ampliar a vinhaça, por exemplo, e com isso eu consigo diminuir o consumo de nitrogênio por exemplo. Então, dado esse investimento, você não vai enxergar que meu custo aumentou muito, porém, o preço do produto em si, do NPK, aumentou da ordem de 50%, alguns 58%, outros 40%, mas na média alguma coisa próxima a 50%. No ano passado, para você ter uma ideia, a 20/21, eu gastei R\$ 60 milhões entre nitrogênio, fosfato e potássio. Nesse ano, minha expectativa é que eu gaste alguma coisa próxima a R\$ 90 milhões, sendo que, no caso do potássio, eu estou diminuindo o consumo aí na ordem de 20 a 30% por conta de alguns projetos que entraram em curso e já estava previsto utilizar menos potássio. Então,

assim, o aumento de custo que teve de maquinário, que é aço, etc, e mais a de insumos, já vai estar bookado no resultado nessa safra aqui. Para o próximo ano eu espero até que talvez reduza. Na pior das hipóteses se mantenha nesse nível que é um nível bastante alto. Você percebe quando você olha o meu custo, meu *cash cost* total, que aí inclui o capex, e o capex tem um peso grande de plantio e traços culturais, que é caixa mesmo, você já vê lá que ele aumenta na casa de 32,0% no caso do açúcar e 45,0% no caso do etanol. Por conta disso, esses custos que estão maiores. No CCT, por exemplo, que é uma grande parcela do CCT é diesel, o diesel subiu 53% na comparação tri contra tri. Tudo bem que eu peguei um trimestre num preço de petróleo muito baixo no ano passado, no meio da pandemia, e nesse tri aumentou muito, mas é um ofensor importante do custo. Então, para tentar te dar uma resposta mais curta agora, olhando para o próximo ano, os custos, eu entendo, que devem estar igual ou menor do que este ano, os custos efetivamente de defensivos, diesel e etc. A gente não espera nenhum aumento maior. No caso do aço, onde pega o aço bastante é em maquinário, em capex. O grande volume de capex da São Martinho que é a cogeração e a planta de milho a gente já conseguiu fechar o projeto antes desse aumento relevante de aço, então a gente não deve ter nenhum aumento de custo de projeto. Agora, nas máquinas agrícolas, nas máquinas que a gente vai ter que trocar colhedora, trator, caminhão etc, que isso deve acontecer mais no final do trimestre, provavelmente vai ter um aumento aí na máquina de 25 a 30%, mas ainda estamos em discussão como eles conseguem reduzir isso, tá?

Isabella Simonato – Está super claro, Felipe. Obrigada.

Felipe Vicchiato – Obrigado, Isa.

Operador – A próxima pergunta vem de Luiz Carvalho, Banco UBS.

Luiz Carvalho – Pessoal, obrigado. Obrigado Felipe. Duas perguntas aqui do meu lado. A primeira, Felipe, se você puder, obviamente, acho que é uma pergunta recorrente nos últimos *calls*, dada a visibilidade no processo de desalavancagem de vocês, de geração de caixa. Quando a gente olha a alavancagem líquida da Companhia, no patamar, não diria

nem confortável, talvez abaixo do ótimo, se a gente puder colocar assim, e a gente sabe que vocês tem alguns projetos no pipeline, mas eu queria que você pudesse dar um pouco mais de cor na atualização desse processo de alocação de capital. E aí se você puder comentar um pouco de cada uma das opções, falar um pouco de dividendo, um pouco de recompra, um pouco de projetos de cogeração, eventualmente um projeto de etanol de milho e eventualmente até, acho que muito se tem discutido, em função do IPO recente na Raízen parte de etanol de segunda geração, se vocês tem algum interesse. A segunda pergunta, Felipe, um pouco mais, me ater menos ao resultado e tentar abordar um tema um pouco mais estrutural. A gente tem conversado com grande parte dos *players* e quando a gente faz as contas aqui, você mencionou na última pergunta sobre o *cash cost* e tal, quando a gente olha o *cash cost* na indústria brasileira, na indústria de açúcar e etanol brasileira, em função da depreciação do câmbio nos últimos anos, a indústria ganhou uma competitividade muito grande contra os principais competidores estrangeiros, então, de repente a gente olha uma Tailândia, rodando aí entre USD 15-16 cents por *pound*, uma Índia, talvez até acima disso, apesar dos subsídios, e aí talvez a gente comece a ver uma mudança estrutural do ponto de vista do patamar de preço de açúcar, olhando um pouquinho mais pra frente, se o câmbio obviamente se mantiver nesse patamar. Eu queria que você desse um pouco de cor, como é que você vê a competitividade, obviamente da São Martinho e da indústria brasileira, vis-à-vis os principais produtores globais. Obrigado.

Felipe Vicchiato – Obrigado, Luiz, pelas perguntas. Deixa eu começar aqui pela primeira, da alocação de capital dos investimentos. Então, vamos começar pelo último ponto. A questão do etanol 2G (segunda geração) bastante comentado recentemente por conta do IPO da Raízen, os parques de bioenergia, a gente tem interesse no momento em que a gente entender que a tecnologia é uma tecnologia viável do ponto de vista de custos e que tem um mercado endereçável maior. Por hora, a gente não tem nenhum projeto nesse sentido, tá. Mas o pessoal aqui que cuida de projetos no time do Agenor está acompanhando de perto isso. Fora isso, a gente tem a segunda fase, vou falar aqui por ordem de atratividade, vai, que eu vejo que é o mais óbvio. A segunda fase da planta de etanol de milho que a gente poderia estar startando tão logo que a primeira planta estivesse pronta, mais ou menos daqui a um ano, que levaria um capex da ordem de R\$ 600-700 milhões e adicionaria mais 220 mil metros cúbicos de etanol rapidamente. Então, é uma maneira de a gente adicionar etanol rápido, diferente do que é cana de açúcar, que tem que fazer, se a

decisão fosse ampliar a Boa Vista, de 5 para 10 milhões de toneladas, além do CAPEX ser muito maior, teria que ter o tempo de você desenvolver o canal que demora pelo menos três anos, se for bastante rápido. Então, o primeiro projeto que a gente está olhando, se as condições fizerem sentido, é uma segunda fase da planta de etanol de milho. Além disso, tem algumas opções reais em duas usinas minhas, na São Martinho e na Santa Cruz, para adicionar até 350 mil MWh de energia, que é uma energia que a gente coloca na rede no período de seca, que é o período onde o Brasil mais precisa por conta da estiagem, um capex da ordem de R\$ 700 milhões, as duas usinas. Mas isso depende, obviamente, de preço de energia, que no preço do último leilão não era viável, mas dependendo de como passar essa reforma tributária e a parte de *tax* for mais cair dos 34% para a casa de 20%-21%, o projeto começa a ser atrativo mesmo com o preço de energia um pouco menor porque você tem aí esse benefício de *tax* que para um projeto desse tamanho é bastante relevante. Então, vamos ver como ocorre. Esses são os grandes investimentos em capitais.

Além disso, você tem obviamente M&A na região. A gente tem ainda uma possibilidade, apesar do setor ter melhorado bastante, do ponto de vista de rentabilidade por conta do câmbio, preço de etanol, etc, a gente percebe que tem algumas usinas que ainda precisam fazer alguns desinvestimentos em uma ou duas plantas para estar sendo viável financeiramente. Então, a gente está acompanhando o processo de uma, que é nossa vizinha, que está em leilão, está em recuperação judicial, uma planta de 3 milhões de toneladas, e essa planta obviamente encaixaria na nossa região de São Martinho e Santa Cruz, onde poderia rapidamente aumentar o tamanho de São Martinho, aumentar um pouco o tamanho da Santa Cruz e moer essa cana tranquilamente diluindo o custo fixo e que aí melhora muito a minha rentabilidade. Mas, de novo, é um M&A, depende de um terceiro e das condições de preço, etc, para a gente comprar ou não. E fora isso, algum outro M&A também que possa acontecer que a gente sempre está olhando, tá?

Aí, indo para a parte de dividendos de recompra, vou falar, de recompra a gente está pensando em abrir um novo programa, essa decisão não está feita ainda, a gente tem uma preocupação grande com a questão de liquidez das ações. A gente sempre luta aqui para aumentar a liquidez das ações e a recompra desse lado ela acaba jogando contra. Mas a gente está avaliando e pode ser que nesse nível de ação, principalmente a R\$ 31, R\$ 32, R\$ 33, dado o resultado que a gente está olhando aí para o futuro faça todo o sentido eu fazer recompra porque o retorno do projeto da recompra muitas vezes é até melhor do que os próprios projetos que eu acabei de mencionar. E dividendos, a gente pagou agora, dentro

da política dos 40%, foi o primeiro ano que a gente pagou na política, na política nova. Historicamente, a São Martinho pagava em torno de 28% do lucro contábil, agora a gente pagou 40% do lucro caixa e provavelmente se até o final do ano, mantendo as condições atuais, a gente vai chegar num nível de endividamento tão baixo que pode ser no limite eu pagar quase tudo do lucro em dividendos, porque se eu não tiver nenhum projeto para alocar e minha dívida não tiver num nível interessante que seja uma situação de estrutura de capital não ótima, como você mencionou. Então, além desses, a gente tem anualmente uma discussão grande na São Martinho para ver alguns projetos internos das usinas que tragam aí redução de custo. Então projetos de otimização.

Por exemplo, esse projeto aqui que eu mencionei rapidamente no começo, da diminuição do uso de potássio, foi feito no ano passado, foi um projeto que a gente gastou aí R\$ 80 milhões em todas as usinas, e eu consegui com isso reduzir 30% a minha necessidade de potássio. Qual que é o impacto disso? Num ano em que o potássio sobe 50% eu consigo reduzir muito o meu custo e continuar competitivo. Então, projetos como esse, além de outros, a gente estava analisando um projeto de fechamento de circuito de água na São Martinho, vai me trazer mais etanol anidro no sistema, e o etanol anidro neste ano está sendo um dos produtos mais rentáveis, dado aí a questão dos *supply and demand*, então, esse combinado de projetos que a gente avalia todo ano aqui na São Martinho pode girar alguma coisa em torno de R\$ 150-200 milhões. São projetos com um bom retorno e a gente sempre está colocando para o conselho para avaliação.

Em relação à tua segunda pergunta, que é a questão de competitividade, acho que você está correto. A São Martinho hoje, se a gente olhar o longo prazo, o meu custo, a esse câmbio, o meu custo caixa de açúcar e etanol equivalente, é alguma coisa próxima entre USD 10 c/p e USD 11 c/p, depende aí de qual usina a gente está avaliando, mas entre USD 10 c/p e USD 11 c/p. O setor, se a gente colocar tudo na conta, no Brasil aqui, deve ser alguma coisa próxima a USD 14 c/p, não menos do que isso. E como você bem falou, os principais *players* do mundo, Índia e Tailândia, estão num nível ainda bastante mais alto do que isso e fora isso a Índia tem um incentivo grande para estar tirando um pouco açúcar e colocando mais etanol. Esse mandato já está aprovado lá e isso vai acontecer. Com isso acontecendo, a gente pode ver um preço de açúcar estruturalmente melhor para o longo prazo, eu não sei se vai ser USD 18, 20 ou 24 c/p, mas melhor do que foram nos últimos 5 anos que, se eu não me engano, na média, foi alguma coisa próxima a USD 14 c/p. Mas eu concordo contigo, é esse o caminho e mesmo com o preço a USD 20 c/p que está hoje Luiz,

eu não vejo no Brasil ninguém conseguindo tirar nenhum projeto da gaveta rápido para colocar muito açúcar no mercado. Colocar muito açúcar, significa ou você tira mix de etanol para açúcar, que aí é muito difícil fechar a conta, principalmente por conta desse nível de petróleo hoje, ou você começa do zero uma usina que aí você tem o capital empregado é muito grande, demora muito tempo para a formação do canavial, tem muitos riscos e eu não vejo ninguém entrando numa empreitada dessa aqui no Brasil. Fora a questão de localização, né, espaço para... você vai competir com soja e algodão para plantar cana, não é uma competição hoje em dia muito provável...pode ser que a cana até perca. Então, tudo isso combinado eu acho bem provável que você tenha no médio prazo um preço estruturalmente bem melhor para açúcar. Obviamente, isso pode mudar se o preço do etanol cair, do petróleo cair, que é fundamental aqui para sustentar o preço do açúcar. Para você ter uma ideia, internamente a gente trata aqui o plano de longo prazo da São Martinho, quando a gente discute com diretoria e conselho, o preço do açúcar de longo prazo ele sempre se equipara ao preço do petróleo, nunca mais do que o preço do petróleo, então esse é um pouco como a gente trabalha aqui, então o preço do petróleo é muito importante para esse equilíbrio aqui.

Luiz Carvalho – Está certo. Fechado. Se você permitir só uma última: essa PEC dos precatórios de alguma forma impacta o que vocês tinham pra receber ou não? Desculpa pela terceira pergunta aí.

Felipe Vicchiato – Não, sem problemas. Eu vou te dar uma resposta honesta. A gente não sabe ainda, tá? Porque, nessa PEC do precatório, pelo que a gente leu, meu jurídico leu aqui, eles estão tentando parcelar os precatórios acima de R\$ 66 milhões, mas precatórios que não estão parcelados. Então, eu não ouvi, e a gente não leu dentro da PEC, se eles vão tratar os precatórios que já estão parcelados. O meu precatório já está parcelado, estou recebendo a quarta parcela agora, inclusive, a Copersucar já informou a gente que o recurso foi depositado na vara e está em processo de levantar o recurso, então esse ano não tem nenhum risco aí de a gente não receber, mas não tem nenhum detalhe se vai haver um reparcelamento do parcelamento. Mas a gente está assumindo aqui que não, mas a gente precisa ver como vai passar aí no Senado e na Câmara para saber se a gente é atingido ou não. Se for atingido, ordem de grandeza, o que a gente tem pra receber ainda nos próximos

4 anos, são R\$ 700 milhões já líquido de impostos. A gente ia receber em quatro anos e vamos receber em 10 anos. Mas a gente não tem essa certeza ainda se vai ser reparcelado isso.

Luiz Carvalho – Está certo. Obrigado aí, pessoal.

Felipe Vicchiato – Obrigado Luiz.

Operador – A nossa próxima pergunta vem de Gabriel Barra, Citi.

Gabriel Barra – Oi Felipe, obrigado pelo tempo aqui. Tenho três perguntas rápidas. A primeira fala um pouco sobre etanol. Como você mencionou, o preço do etanol realmente voltou a se equiparar ao preço de açúcar, então melhorou bastante recentemente. A gente viu alguns *players* acelerando até o processo de venda, não fazendo o tradicional carregamento para a entressafra. Eu queria ver qual seria a estratégia de vocês para essa safra, olhando o que vocês estão vendendo, talvez seja até um pouco mais... aumentando um pouco mais o mix para o etanol, como que seria nos próximos trimestres a estratégia da companhia com relação à comercialização do etanol? A segunda é um ponto rápido sobre a questão das geadas, até a seca que acabou impactando na produtividade, como a gente viu não só na São Martinho mas no setor como um todo, se pudesse falar um pouco como vocês estão vendendo esse carregamento para a próxima safra em relação à produtividade. A gente ouviu de alguns *players* que poderia ter um efeito de carregamento na produção para a próxima safra e não só dessa safra. Então seria um ponto importante. E para finalizar, se pudesse passar um *update* bem rápido sobre como anda tanto o projeto tanto do etanol de milho, como o A-6 em questão do *timeline*, se teve algum *update*, se continua o mesmo no prazo, questão de entrada na planta de nível, seria ótimo também. Obrigado.

Felipe Vicchiato – Oi Gabriel, obrigado pela pergunta. Deixa eu começar aqui pela segunda. Pode existir sim um impacto na próxima safra porque geralmente quando você tem uma seca muito forte com geada você precisa de muita chuva no verão para ter essa recuperação e a cana brotar. Nós mesmos estamos fazendo um investimento importante agora para meio que... como se você alimentasse novamente a cana, tá?, como estava muito seco, tomou

geada na brotação, aí ela para de brotar, então precisa de mais alimento para rebrotar mais rápido e ficar vigorosa para o próximo ano, então tem o investimento para fazer que a gente está colocando aqui nesse ano, alguma coisa próximo a R\$ 20 milhões. Mas, é verdade, a gente pode ter um impacto no próximo ano se as chuvas forem fracas durante o verão. Agora, se as chuvas voltarem ao normal e tiver um volume de chuva importante aí de novembro até março, a gente acha que o impacto é muito pequeno. Mas melhor do que... e aí você tem uma recuperação da ordem de 5 a 10% no canavial do centro-sul, depende de como cada usina cuidou do seu canavial, tá?

A primeira pergunta, em relação à estratégia de vendas de etanol, a gente deve vender mais ou menos dentro da demanda de mercado. Nesse preço onde está, R\$ 3.100-3.200/m³ na média, do anidro e hidratado, a gente está vendendo, tem produto a gente vende. Porque basicamente o etanol ele é uma função de preço de petróleo, então assumindo que o preço está bom, o preço do petróleo está num nível bastante razoável, a São Martinho está vendendo. Então não deve ter aquele carregamento tradicional onde a gente vende 40% no primeiro semestre e 60% no segundo. Deve ser mais ou menos meio a meio. E a terceira pergunta... do update de milho, continua no mesmo estágio de alguns meses atrás. A gente deve iniciar a planta em meados de agosto do próximo ano, já iniciou a construção, então não vai ter atraso nenhum, a gente já começou a procurar milho para comprar na região. Então, provavelmente a parte de estocagem de milho fica pronta primeiro, a gente espera até o final desse ano ter já algum volume de estocagem importante lá pronto para a gente colocar o milho. E o time de suprimentos está buscando milho na região para estar comprando antecipadamente. A gente percebe que hoje não tem venda antecipada, o pessoal está esperando chegar mais próximo por conta dessas quebras de safra de milho que está acontecendo. A gente não comprou até hoje quase nada porque a gente não de fato não conseguiu encontrar volume razoável de milho para comprar antecipadamente porque também a gente não tem armazenagem. Porque geralmente o que você encontra você precisa retirar para armazenar e a nossa armazenagem vai ficar pronta, espero, até o final do ano. E no projeto de cogeração, deve iniciar em 2023, está tudo contratado, e o fornecedor já está produzindo a caldeira. Geralmente a caldeira é produzida com o fornecedor depois eles vão lá e deslocam para a usina, mas não teve atraso nenhum. OK?

Gabriel Barra – Ficou muito claro. Obrigado.

Felipe Vicchiato – Obrigado.

Operador – A próxima pergunta é de André Hachem, Itaú.

André Hachem – Felipe, tudo bem? Obrigado pela pergunta. Eu queria perguntar um pouquinho sobre biogás. O pessoal já explorou bastante sobre etanol celulósico e renováveis, mas se vocês poderiam comentar um pouquinho como vocês estão vendo, como vocês pensam do produto e quais são as perspectivas principalmente em termos de CBios, imagino que se você conseguisse mudar boa parte da produção, do maquinário para biogás, teria uma eficiência muito grande aí que você tira. Você poderia comentar um pouquinho o que vocês estão estudando e como isso tem avançado?

Felipe Vicchiato – Claro. Obrigado pela pergunta, André. O biogás, na verdade, o melhor dos mundos, o ideal, seria se a gente conseguisse transformar todo o nosso potencial de biogás para abastecer os motores dos nossos caminhões, colhedoras etc, e não precisar mais do diesel. A gente gasta hoje alguma coisa entre R\$ 300-350 milhões por ano de diesel, que com a quantidade de vinhaça que eu produzo, eu teria o potencial para substituir 100% desse diesel em biogás nas minhas 4 plantas. O ponto é que os motores para tratores, colhedoras etc, que são motores que são pesados, tem a questão de peso desse maquinário que é muito grande, ainda não estão desenvolvidos para rodar com biogás. Então a gente está ainda... a indústria automobilística está trabalhando nisso para fazer esse desenvolvimento. Então, esse é o *disclaimer*. Mas o *crème de la crème* do biogás é você substituir por diesel, porque além de você reduzir muito o teu custo você consegue ter um impacto ambiental super positivo. Bom, dado que não tem esse desenvolvimento em caminhões com torque alto e colhedora etc, a gente tem outras avenidas. A avenida da energia elétrica, que a gente por enquanto não está explorando porque entende que o retorno é muito baixo.

Mas tem um projeto, numa das unidades minhas que é a Santa Cruz, que dado que a Santa Cruz tem uma infraestrutura para injetar o biogás na rede, a gente está nos finalmente aqui para avaliar se vale a pena ou não fazer esse investimento, tá? Daqueles investimentos anuais que a gente discute aqui todo segundo semestre na São Martinho, esse de biogás na Santa Cruz é um deles, tá. Eu não tenho os números ainda para te passar mas é um projeto bastante rentável mas não é tão grande, é um projeto da ordem de R\$ 50 milhões no máximo. A gente poderia sim transformar biogás em energia elétrica, mas aí se você faz isso você perde a opção de se no futuro a indústria desenvolver motores que rodam a biogás,

you already sold as electricity and you can't make this transition so fast. So the people are in the middle of this evaluation now, still, and this is a little bit of our vision.

André Hachem – Perfecto. Super claro. Obrigado.

Felipe Vicchiato – Obrigado André.

Operator - Próxima pergunta é de Thiago Duarte. Pode prosseguir.

Thiago Duarte – Oi. Obrigado. Tudo bom, Felipe? Eu queria fazer, na verdade, três *follow ups* de temas já discutidos. A primeira, sobre a história do carregamento. Você discutiu aqui que você acha que talvez não haja tanto espaço para carregamento esse ano, dados os preços remuneradores já no meio da safra. No carregamento do etanol, eu me refiro. A pergunta para você Felipe é se você não vê risco com aquele número que você mencionou do centro-sul fazer 520-530 milhões de toneladas, se você não vê risco de faltar etanol na entressafra, dado que o consumo do hidratado está se provando bastante resiliente apesar de estar acima da paridade e do anidro, certamente. Então, se você puder discorrer um pouquinho, se você entende que esse risco é um risco importante. O segundo *follow up* é sobre aquela discussão do preço do açúcar a médio prazo. E aí você mencionou no fim que o preço do petróleo é uma variável importante por conta da correlação histórica entre o etanol e o açúcar. Aí a minha pergunta para você seria: isso ainda é verdade? E o motivo pelo qual eu pergunto é porque a gente, com toda essas discussões ocorrendo na Índia, como você mencionou, e o Brasil na safra passada e nessa safra até agora, a gente está muito perto de maximização do *output* de açúcar, então estou quase dizendo que para qualquer preço para baixo de etanol e portanto de petróleo, portanto de etanol, o espaço para o Brasil adicionar mais açúcar na oferta com o que você tem de capacidade hoje parece limitado. Eu não sei se você concorda com isso. Interessante ouvir também. E a terceiro *follow up* é só nesse última pergunta: você falou que vocês ainda não iniciaram compra antecipada de milho para a fábrica que entra o ano que vem. Eu queria entender se é isso mesmo, se a gente deve imaginar que todo o milho que vocês vão começar a processar no ano que vem vocês vão comprar no *spot*, essa é a forma correta de pensar? Obrigado.

Felipe Vicchiato – Thiago, obrigado pelas perguntas. Deixa eu começar pela última. Na verdade, a gente comprou acho que 15 mil toneladas só, é muito pouco frente ao que eu tenho que comprar por ano que são 500 mil toneladas. E a gente não comprou ainda porque de fato não tinha disponibilidade na região, não tinha vendedor. Assim que a gente consiga um volume relevante de compra de milho a gente vai fazer e isso deve acontecer no momento que meus armazéns estiverem prontos, que eu imagino que até o final do ano. Então, eu espero que até o final do ano, começo do ano que vem, no máximo, a gente já tenha um volume de milho relevante. Então, de fato a gente não vai comprar no *spot*, a ideia é agente comprar nos períodos onde tem uma safrinha da região, onde tenha uma oferta importante de milho na região. Ocorre que nesses últimos 12, 18 meses de fato aconteceu uma quebra importante na safra de milho aqui no Brasil, lá fora também e com isso acabou que essa cadeia de suprimentos está um pouco prejudicada muito fora da normalidade, mas a nossa estratégia é comprar antecipadamente, mas tão logo a gente tenha disponibilidade e armazém.

A sua segunda pergunta, em relação ao açúcar, você tem razão, eu concordo com você. De fato, no limite, você não tem hoje muito mais produção de açúcar para estar colocando no mercado, você teria que fazer investimentos grandes no Brasil em cristalização de açúcar, ou mesmo fazer investimento nas plantas de etanol na região de Goiás e Mato Grosso, que são puro etanol para açúcar, a exemplo da usina da Boa Vista. Mas o que eu mencionei que a gente coloca aqui no nosso plano de negócios... Nosso plano de negócios é sempre olhando uma premissa bastante conservadora. Então, é assim, para eu avaliar quanto a Companhia vai gerar de caixa no futuro para fazer o investimento, para recomprar ações e pagar dividendos, quando eu discuto isso no meu conselho, a minha premissa é que no longo prazo o preço do petróleo é o meu *cap*, para açúcar também, apesar de eu concordar com você na questão da dificuldade do Brasil, de colocar muito mais açúcar, d muito rápido no mercado. Porque Goiás tem uma dificuldade logística. Se eu colocar uma planta de açúcar em Goiás, para vocês terem uma ideia, o investimento é da ordem de R\$ 300 milhões, que eu converteria para mais ou menos 2,5 milhões de toneladas de cana de açúcar em açúcar. Além disso, para o projeto ser viável, eu tenho que estar com uma premissa de preço de etanol bastante baixa, na verdade, eu estou tirando etanol e colocando açúcar. Então, acaba que nunca dá viabilidade. Mas a minha menção de sempre colocar o preço do petróleo foi um pouco a pergunta do Luiz, de alocação de capital. Quando você olha para a alocação de capital, qual é a tua lógica financeira? A gente aqui, de maneira conservadora, olha o

petróleo como sendo o limitador do preço de açúcar mas a gente está se surpreendendo positivamente, que de fato pode ser que o açúcar no futuro seja ainda melhor que o etanol.

E a tua primeira pergunta, em relação a poder faltar etanol até o final da safra, essa é uma discussão que já está tendo. A gente entende que a falta de etanol anidro seria um grande problema. E São Martinho e o setor como um todo, se ocorrer alguma falta, a gente está pronto para fazer importação. Tem um compromisso nosso e do setor de, na hipótese de haver falta de etanol anidro, a gente vai fazer importação de etanol dos EUA ou de qualquer outro lugar para estar atendendo o mercado brasileiro e não ter nenhum problema com etanol anidro. Etanol hidratado aí é uma questão um pouco de... o consumidor do etanol tem a possibilidade de colocar gasolina. Então, o que vai acontecer é que se o preço subir muito acima dos 75% de paridade, naturalmente o consumidor vai migrar para a gasolina e aí sim a gasolina vai precisar do anidro para complementar e, caso não tenha, o setor está pronto para estar fazendo a importação e atendendo o mercado sem nenhum problema. Mas de fato é uma cultura que a cana de açúcar que sofreu muito com a seca e a produtividade está muito baixa. Muitos *players* como a São Martinho já ajustaram a fábrica para produzir mais etanol anidro. Grande parte desse etanol que eu estou fazendo é anidro, estou buscando espaço para fazer, até em outros lugares, é desidratação do hidratado para produzir mais anidro. Não é um processo simples mas dá para fazer. E a indústria inteira está se mexendo para evitar a importação, mas se tiver que importar a gente importa para atender o mercado.

Thiago Duarte – Perfeito, obrigado, Felipe. E aí, essa questão da indústria eu acho que é muito uma preocupação com o próprio regulador, que aconteceu no passado, por exemplo, de canetadas que mudem a mistura do anidro, por exemplo. Acho que essa é a preocupação.

Felipe Vicchiato – Com o regulador e efetivamente com a sociedade, porque mesmo que se o regulador reduzir a mistura, até reduzir a mistura e também tem que conseguir gasolina... a gente tem que ter um compromisso. Se a indústria no começo do ano se comprometeu em colocar no mercado o equivalente de anidro de 27% da mistura... da gasolina, perdão, tem que ser feito. Não dá para culpar a chuva, a gente tem que... A UNICA tem que dar um jeito, junto com os produtores, a São Martinho está nessa discussão para

estar endereçando esse problema e se for o caso fazer uma importação gravosa. Mas lembrando, obviamente, que, assim, a São Martinho não exporta etanol anidro. Então, a gente... todo etanol anidro que poderia ser exportado a gente deixou de exportar para atender o mercado e espero que os outros *players* também façam o mesmo.

Thiago Duarte - Super claro. Obrigado, Felipe.

Felipe Vicchiato - Obrigada Thiago.

Operador – A próxima pergunta vem de Lucas Ferreira, Banco JP Morgan.

Lucas Ferreira – Oi Felipe, obrigado pela pergunta. Basicamente o seguinte: eu concordo com você que uma das melhores alocações de capital que você pode ter agora é recomprar tua própria ação, mas outra pergunta que eu quero fazer é a seguinte: também concordo que não faz sentido investir em *greenfield* porque na verdade está tudo bem abaixo da utilização de capacidade, da sua capacidade nominal, inclusive a São Martinho, por eventos climáticos etc, mas a minha pergunta é se você não acha que vale a pena a São Martinho e a indústria investir, na verdade, em aumento de plantio ou de uma forma em aumento de produtividade para que você consiga operar em momentos como esse, mais extraordinários, como na utilização na verdade maior do que você está operando hoje, ainda mais com a previsibilidade como você falou aí, 2,3 anos para a frente, até mais para frente, você vai ver que você consegue travar o açúcar num preço muito razoável. A pergunta é essa: não vale a pena você investir em aumento de plantio ou talvez em regiões em que você tenha um TCH menor do que a média, talvez irrigação ou algo que te consiga aumentar o TCH de forma mais consistente, tua cana disponível de forma consistente também?

Felipe Vicchiato – Oi Lucas, boa tarde. Obrigado pela pergunta. Isso aqui é uma obsessão nossa. A gente fala desse assunto, de melhorar a produtividade, de expandir área de cana, dia sim e outro também. O time de operações acompanha isso de perto. A muda pré brotada é um passo importante nisso. A gente está acelerando isso o máximo possível. Só que existe

uma questão física. No caso da São Martinho... No caso das usinas de São Paulo, a Iracema, São Martinho e Santa Cruz, não existe espaço para eu expandir o plantio e a disponibilidade de cana em hectares, porque está tudo tomado, tem muita competição de usina. Então, a quantidade de hectares eu não consigo arrendar mais. Eu tento mas eu não consigo arrendar mais área, que seria um caminho mais fácil. Na Boa Vista eu até que consigo, é por isso que Boa Vista hoje entre as unidades é a que sofre menos, porque ela tem, na prática, excesso de cana em relação ao tamanho de moagem dela. Então, já viu no final do ano, quando divulgar a moagem por usina, você vai ver que é a Boa Vista a que menos quebrou. Primeiro, que ela sofreu menos com o clima. Mas mais importante que isso, é que a Boa Vista está desenhada para ter mais cana do que usina e quando tem uma intempérie climática ela acaba se beneficiando disso. E lá é uma região que tem espaço. Era uma região de gado e a gente foi aos poucos expandindo e tem espaço para arrendar mais. Lá em São Paulo não dá. Não tem mais área para estar arrendando. Então, o grande investimento tem que ser efetivamente na produtividade por hectare, que aí também além disso você leva a questão da diluição de custo fixo, que é bem mais relevante quando você tem uma produtividade melhor por hectare. Nesse sentido, a gente faz todo esforço e estamos aí na frente das melhores técnicas para estar melhorando a produtividade. A unidade São Martinho, para você ter uma ideia, há 5 ou 6 anos chegou numa produtividade de 94 toneladas por hectare. Esse ano a gente vai bater 75 sendo que nos últimos 6 anos a gente investiu um caminhão de dinheiro em produtividade, em MPB com meiose, etc, só o que ocorre? Quando tem uma estiagem desse tamanho, que foi a maior dos últimos 80 anos, 90 anos, não sei exatamente, acaba que nivela todo muito meio por baixo. Mas também, por outro lado, a recuperação, quando chove, a gente recupera, a gente recupera muito mais rápido do que a média do setor. Eu estava olhando esse dado há umas duas semanas atrás, comparando a moagem do centro-sul com a moagem de São Martinho, a gente percebe que quando ocorre uma seca nesse patamar, muitas vezes a nossa quebra de produtividade é até maior do que a média do centro-sul, porque a gente está com o canavial muito em ordem e aí quando vem aquela seca você cai muito rápido percentualmente. Por outro lado, quando volta a chuva, a gente retoma muito mais rápido. Mas tenha a certeza que a gente olha isso todo dia e tenta ver as melhores práticas para estar acelerando isso. Uma delas é, por exemplo, aumentar o nível de fósforo no solo, para segurar um pouco mais a cana, nutrir um pouco mais a cana. A gente está implementando isso agora e deve implementar isso ao longo do tempo. A Embrapa trouxe essa tecnologia, a gente discutiu bastante nos últimos meses e deve estar implementando isso já nesse ano. Estamos aí a todo vapor tentando

colocar as melhores técnicas para aumentar a produtividade sim. Agora, o M&A também é outro caminho importante. Se eu consigo fazer um M&A onde eu compro só a cana e fecho a usina eu fico com um colchão de cana. Numa situação dessa, eu pego aquela cana e processo na São Martinho e não perco nada com preço maior, que é uma outra estratégia.

Lucas Ferreira – Obrigado, Felipe.

Felipe Vicchiato – Obrigado, Lucas.

Operador – A próxima pergunta vem de Werner Roger, Trígono Capital.

Werner Roger – Boa tarde, Felipe. Parabéns aí pelo resultado. Nessa, digamos, dificuldade climática. São duas perguntas. Em relação a essa produtividade de 75 toneladas, isso vocês esperam que seja mantida ou recupera com outros cortes numa região que tenha sido menos afetada? Eu entendo que a Companhia tenha privilegiado áreas mais afetadas, já teria perdas maiores preservando áreas ainda menos afetadas. A gente está acompanhando agora, o açúcar sobe 6% hoje, talvez, não sei se são informações da Unica, que não ainda registrou o efeito da geada, e a gente sabe que há muitos canaviais aí com mais problemas que São Martinho, que serão mais afetados mais pra frente. E também olhando a questão que você comentou do preço do etanol em relação ao petróleo e o açúcar também, isso é como se fosse tudo igual. Mas a Índia vai agora adicionar, incrementar o *blend* de etanol na gasolina, de 10% para 20%, então ano que vem, a associação já anunciou, que eles vão tirar 3,5 milhões de toneladas de açúcar e na próxima safra mais 3,0 milhões de toneladas de açúcar vão sair da Índia. E também agora eles anunciaram a entrada do flex que a gente tem aqui no Brasil. E aqui no Brasil os híbridos, com o etanol, que é a Toyota, a Volkswagen, anunciaram também. Na minha visão, isso aqui muda muito a questão estrutural do açúcar. A Índia deixa de subsidiar, sai do mercado. O etanol, a gente sabe que a demanda vai continuar crescendo aqui e se isso não vai acarretar um novo patamar, talvez acima de USD 20 c/p, e sabendo também a questão de descarbonização. O mundo todo vai buscar descarbonizar. A gente viu ontem o relatório em relação ao aquecimento global e outros países, a própria Inglaterra, que não tem etanol, está acionando o etanol, China, Tailândia,

total ruptura ao passado. Isso muda completamente a estrutura, deixando de estar associado ao petróleo. Pra dizer, essa é minha expectativa, minha visão, não sei se também compartilha disso ou se acha que tem que esperar mais um tempo para ver o que acontece. Obrigado.

Felipe Vicchiato - Oi, Werner, obrigado pela pergunta e pelos comentários. Vou começar pela segunda. Eu compartilho dessa tua visão. Eu acho que essa questão de sustentabilidade e ontem realmente eu dei uma olhada no relatório que saiu aumentando quase 1,5 grau na temperatura global sendo que o Brasil está bastante impactado. Isso é uma coisa que nos preocupa, porque se a gente olha o que aconteceu na região centro-sul e nos nossos canaviais aqui em São Paulo nos últimos 5 anos, todo ano tem uma novidade climática ruim. Então, de fato, quem não acredita que existe aquecimento global, quem está produzindo cana como eu aqui eu digo para você que de fato o clima mudou do que a gente viu no normal dos últimos 30-40 anos. Mas eu entendo que se realmente a Índia tomar todas essas medidas, a gente pode ver aí um novo patamar de preço de açúcar indo aí para a casa de USD 20-25 c/p sendo que o Brasil não consegue responder nem no médio prazo para colocar mais açúcar no mercado, o que seria bastante positivo para o setor. Mas, meu ponto ali em relação ao preço do petróleo é realmente quando a gente pensa numa premissa conservadora para fazer análise aqui de investimento, mesmo de M&A, de qualquer projeto, a gente tem que olhar um preço mais conservador. Eu estou na empresa já desde 2006, já fiquei animado com esse preço de USD 20 c/p aí várias vezes e depois a gente voltava para USD 10 c/p, tal, e a gente via que não era bem assim. Então, como o negócio é cíclico, a gente tem que estar tomando bastante cuidado. Mas acho que esse petróleo firme e com câmbio mais desvalorizado do jeito que está, acho que de fato a gente pode ter um novo patamar de preços para açúcar.

A tua primeira pergunta, eu diria que sim, no próximo trimestre a gente pode ver um TCH um pouco melhor, mas isso não muda a moagem final. A moagem final nossa deve ficar mais ou menos dentro do *guidance* que a gente colocou lá em junho, não diferente do setor a gente sofreu um pouco com geada. A gente teve geada em algumas áreas. Quando ocorre geada a gente tem que movimentar toda a estrutura para colher essa cana geada e com isso você tira a cana de ciclo. Você está colhendo uma cana que não estava pronta para ser colhida e vai colher tardiamente uma cana que deveria ser colhida. Com isso, esse ajuste

no ciclo pode piorar um pouquinho a produtividade, mas a gente está bastante confortável que a piora da produtividade é totalmente compensada pela melhora do ATR. Quando você tem frio, e com esse tempo seco do jeito que está, você tem um ATR muito melhor. Se a gente olhar aqui no próprio trimestre, a gente está com ATR 2,9% melhor que o ano passado, sendo que no ano passado já foi um ATR muito alto, que foi também um ano bastante seco. Então, assim, no tri contra tri deve melhorar o TCH, mas para o ano inteiro a produção infelizmente não vai sair muito do que a gente tinha estimado.

Werner Roger – OK, obrigado.

Felipe Vicchiato – Obrigado Werner.

Operador – Obrigado. Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Passo a palavra ao **Sr. Felipe Vicchiato** para as considerações finais.

Felipe Vicchiato – Obrigado a todos pela presença no *call*. Tem algumas perguntas aqui pelo chat que na sequência a equipe de RI vai estar respondendo para os senhores. Estamos à disposição aqui a qualquer tempo para qualquer dúvida. Próximo trimestre a gente deve estar divulgando aí meados de novembro. Estamos à disposição aqui. Obrigado. Boa tarde a todos.

Operador – A teleconferência da São Martinho está encerrada. Agradecemos a participação de todos. Tenham uma boa tarde.